**Laguna e sua perspectiva histórica e patrimonial**

Maria Vitória Vieira Capote Gonzaga

mary.gcl@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Nesta síntese busco fazer um pequeno panorama e a relação entre memória, identidade, lugares de memória e patrimônio, trazendo Laguna como objeto principal e exemplo, Falando um pouco sobre sua história para poder compreender os dois processos de tombamento que ocorreram na cidade pelo SPHAN, hoje IPHAN, em 1953, o do paço municipal, e posteriormente o tombamento do centro de Laguna, em 1985. Analisando algumas fontes bibliográficas, e os Processos judiciais de ambos tombamentos.

Palavras-chaves: Memória; Identidade; Patrimônio; Laguna;

ABSTRACT: On this synthesis, i seek to make a short panorama and a relation between memory, identity, memory’s places and heritage, bringing Laguna as principal object and example. Speaking about its history to understand the two national heritage officialization process that was made by SPHAN (National Historical Heritage and Artistic Service), today IPHAN (National Historical Heritage and Artistic Institute). One that registered the Municipal court in 1953, and the other that registered Laguna’s historic downtown, in 1985, as national heritage. Analysing some bibliography sources and the lawsuits of both process.

KEYWORDS: Memory; Identity; Heritage; Laguna;

 Primeiramente, antes de abordar o assunto de patrimônio, é oportuno fazer algumas construções. Ao pronunciar o assunto memória, remete-se algo muito profundo e individual. No entanto a memória deve ser entendida também como algo coletivo e individual, fatos vividos individualmente, e socialmente, por personagens e pessoas as quais a memória é reconstituída. A memória é seletiva, portanto ela sofre um processo de reconstrução e organização, o que nos possibilita finalmente mencionar os lugares, que servem como apoio a memória. Os lugares de memórias, estão particularmente ligados a uma lembrança. A memória pode então se apoiar em três critérios: acontecimentos, personagens e lugares. A memória é um acontecimento de construção social, e individual. Quando se trata de uma memória herdada, refere-se a uma memória que é adquirida a partir de uma experiência que não foi de sua própria vivencia. Por outro lado podemos fazer uma breve ligação entre a memória e o sentimento de identidade, o auto reconhecimento, para que os outros te reconheça. [[1]](#footnote-1)

 A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.[[2]](#footnote-2)

 Já Pierre Nora, traz a memória como algo que é viva, é a lembrança, continua em evolução que sofre o esquecimento, e abre espaço para um outro assunto, a história, reconstrução problemática da memória. Para o mesmo, lugares de memória são a fronteira entre a distinção de memória e história. Segundo ele, a história é o processo seguido, longe de ser sinônimo de memória, são coisas completamente opostas. Os lugares de memória, seria então restos de memória junto a vontade de se auto reconhecer, o sentimento de identidade os quais a história apoderasse deles para torna-los lugares de memória.[[3]](#footnote-3)

 Abordar o assunto identidade, nos remete a diversos viés, de acordo com as perspectivas disponíveis dos ramos das áreas de conhecimento. Sendo assim, em termos sociológicos, identidade é um sentimento pessoal, de pertencer a um centro de referência em que possa construir traços em comum com o meio onde ele se sente integrado, e identidade cultural, que pertença a um grupo social ou cultural.[[4]](#footnote-4)

 A palavra patrimônio que vem do latim e significa, segundo o Dicionário Michaelis, “herança paterna, bens de família, quaisquer bens materiais ou morais pertencentes a uma instituição ou coletividade: patrimônio cultural”[[5]](#footnote-5). Sendo assim é comum haver referência ao patrimônio como herança transmitida, como propriedade herdada. Já segundo o artigo 216 da Constituição Federal, desta forma é definido o patrimônio cultural:

 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.[[6]](#footnote-6)

 Portanto é inegável a influência da memória na formação de identidade e também no que se entende por patrimônio. “Pode afirmar-se que integra o património cultural tudo o que pode ser testemunho de valor cultural ou valor civilizacional e que o próprio património contribui para a construção da memória coletiva e identidade de uma sociedade e/ou comunidade.”[[7]](#footnote-7)

 O que se compreende por patrimônio cultural material e imaterial, cujo IPHAN é o órgão responsável por “promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória [...]  preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros”[[8]](#footnote-8),

 Concluído essa primeira introdução sobre memória, identidade, e lugares de memória, para abordar o ato de tombamento que ocorreu na cidade de Laguna, para salvaguardar o patrimônio e memória da mesma, objeto de estudo neste texto, teve seu processo de tombamento tardio, segundo especialistas. Município localizado em Santa Catarina, cujo Patrimônio é reconhecido como Patrimônio Nacional, pelo IPHAN devido a sua história, há séculos passados era conhecida como Laguna de Los Patos, nome dado “possivelmente pelos espanhóis, que passaram pela costa catarinense ainda no século XVI”[[9]](#footnote-9), e que mais tarde ficou conhecido pelo topônimo Antônio dos Anjos. Nome escolhido por Domingos Brito Peixoto para designar a povoa que ele fundou, em que alguns livros trazem 1684[[10]](#footnote-10), mas a data oficial ficou como 1676, ano em que o vicentista armou uma bandeira e dispor-se a descobrir as terras do sul, com sua família, escravos, homens, e armas, como traz o trecho de Cabral:

 No ano de 1676, o vicentista Domingos de Brito Peixoto, um dos “homens bons” da vila de São Vicente e que já fizera parte de sua câmara, armou bandeira, destinada a descobrir terras no sul que não fossem habitadas, saindo de Santos com seus filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito da Guerra, levando consigo dez homens e cinquenta escravos, providos de armas e mantimentos.[[11]](#footnote-11)

 Embora Cabral se refira em seu trecho como se as terras não fossem habitadas, na historiografia atual, sabe-se que as terras catarinenses eram ocupadas por indígenas.

Grupos indígenas começaram a se estabelecer no território de Laguna, no litoral sul de Santa Catarina há cerca de 6 mil anos. A ocupação deve ter sido contínua, pois essas populações deixaram enormes sambaquis como testemunho de sua presença. Os europeus vieram em princípio do século 16. Mas a data do desembarque e nacionalidade de quem chegou primeiro são desconhecida.[[12]](#footnote-12)

 Depois da morte de Domingos de Brito Peixoto, seu filho Francisco de Brito Peixoto é quem exercera o governo da Povoa. Cansado, recolheu-se a Santos para descansar. Mas somente no ano de 1714 que o governador do Rio de Janeiro Francisco de Távora consegue trazer de volta, Francisco de Brito Peixoto, e elevou Laguna a categoria de Vila, com o interesse em conquistar as terras do Rio Grande, e a reconquista da Colônia do Sacramento, que estava desde 1705 em poder dos castelhanos.[[13]](#footnote-13)

 Com a conquista pelos portugueses da Colônia do sacramento , atual Uruguai, a partir das disputas com os espanhóis, Laguna passou a ser vista como ponto estratégico, de forma a proporcionar apoio no envio de suprimento para as tropas portuguesas. Nesse clima de guerra na região, escassez de mão de obra, tanto para produção de alimentos, para as tropas, como para garantir um numero suficiente de homens, para combate, a coroa portuguesa promoveu a imigração de açorianos entre 1748, que ocuparão [essencialmente](http://www.sinonimos.com.br/essencialmente/) a ilha de Santa Catarina e Laguna.[[14]](#footnote-14) Entre os seis mil açorianos enviados entre 1748 á 1756, foram enviados cerda de quarenta casais, num total de 215 pessoas para povoar a região de Laguna. [[15]](#footnote-15)

E foi assim que, em agosto de 1746, decidiu o Conselho Ultramarino – fazer o povoamento do litoral sul do Brasil com elementos retirados do arquipélago açoriano, e em 1748, pôde o Brigadeiro receber a primeira leva de povoadores, que vieram dar novo impulso á terra catarinense e marcá-la com o cunho particular e característico da sua formação cultural.[[16]](#footnote-16)

 Segundo dados e informações sobre o município, a característica açoriana-madeirense influencia até os dias de hoje na formação cultural de Laguna, que se faz ainda presente, tanto na etnia como na arquitetura, na economia, como por exemplo a tendência para a pesca, no artesanato como as rendas de bilro, que são uma herança do artesanato português, e em outros costumes. Não ignorando é claro a presença de africanos e descendentes trazida para cá ainda na época da escravatura, e a presença de outros imigrantes, que embora não se tenha tanta incidência, também houve registros como de algumas famílias de origem italiana, alemã e libanesa.[[17]](#footnote-17)

 Tais influências culturais compõe parte dos processos históricos de construção de identidade a partir da memória da cidade. Esses elementos contribuíram no fomento dos processos de tombamento da cidade. O primeiro processo de tombamento que a cidade teve foi o do prédio conhecido como o antigo paço Municipal. Entre abril e maio de 1953, em relatório de viagem do conservador Alfredo T. Rusins, ele descreve o interesse de tombar o prédio, que fora sede do governo da aclama República Juliana, e que ainda aquela época funcionavam a Câmara Municipal, o Museu Municipal Anita Garibaldi, a Biblioteca pública e outras instituições culturais. Em 17 de novembro de 1953, Carlos Drummond Andrade, da seu parecer a respeito, recomendando que estudasse o possível tombamento, de inegável interesse histórico, que serviu de cenário onde se proclamou a República Juliana, em 1839, que durou 106 dia, ou seja de 29 de julho á 15 de novembro do mesmo ano, onde se elegeram presidente e vice-presidente. [[18]](#footnote-18)

A cadeia, única existente, esta situada a praça Conde d’Eu na cidade. É o pavimento térreo dum espaçoso sobrado construído pela municipalidade. Possui dois cômodos necessários ao numero de presos e é solidamente construído. O pavimento superior, ou primeiro andar, serve para o paço da Câmara Municipal, sala de audiências e do Júri. Tem dois grandes salões forrados de papel, bem mobiliados, sendo a única municipalidade da província que possui tão importante edifício. O pavimento térreo é que serve de cadeia, divide-se em quatro prisões para o recolhimento dos criminosos, deixando lateralmente um saguão, para quartel da polícia, com uma pequena sala onde mora o carcereiro.[[19]](#footnote-19)

 O segundo pedido de processo de tombamento na cidade ocorreu em 1984. O pedido do processo se referia ao tombamento do centro histórico, sendo como possível providencia para impedir o desaparecimento do conjunto urbano. O pedido foi feito considerando seu valor histórico no cenário nacional, local de passagem sul no meridiano de Tordesilhas, cidade que serviu como núcleo de expansão ao sul, como dito anteriormente, e posteriormente palco de guerra, sede da República Juliana, e também como berço de Anita Garibaldi, prova viva da estada de José Garibaldi pelo Brasil. Segundo a analise do acervo arquitetônico, feito pelos arquitetos contratados, Laguna em sua perspectiva especificamente arquitetônica não apresentava as características normalmente adotadas pelos tombamentos. A cidade foi sendo influenciada pelos agentes do tempo, agindo como uma pequena evolução na paisagem.[[20]](#footnote-20)

 Analisando os mapas anexos no processo, o conjunto arquitetônico de Laguna é composto pela maior parte dos imóveis que apresentam um ou dois pavimentos. Quanto a característica arquitetônica, apresenta o intermédio de basicamente quatro características arquitetônicas, sendo elas a arquitetura tradicional luso-brasileira, até fins do século XIX, com beiral, sem portões, arquitetura brasileira luso-brasileira, já fins do século XIX, com influencias do ecletismo, com platibanda, porão alto e acesso lateral, arquitetura urbana pós ecletismo, até a década de 40, e por fim, alguns exemplares de arquitetura moderna.[[21]](#footnote-21) Ainda segundo IPHAN, podemos destacar:

A cidade possui edificações carregadas de decorações, vidros desenhados e ferros importados: o telhado arrematado com platibandas ornamentais, balaustradas, e calha para escoar a água das chuvas; o peitoril e a bandeira desaparecem sendo substituídos por massa com motivos decorativos; paredes construídas com tijolos e cal, dando maior precisão e diminuindo a espessura. Estes novos elementos marcaram fortemente o patrimônio arquitetônico de Laguna.[[22]](#footnote-22)

 Inscrita nos livros do tombo arqueológico, etnográfico, e paisagístico e no livro do tombo histórico, Laguna hoje tem seu centro histórico reconhecido como patrimônio histórico, “formado a partir do porto original e abriga cerca de 600 imóveis. No município, existem 43 sítios arqueológicos”[[23]](#footnote-23)

 No primeiro processo de tombamento que ocorreu na cidade, encontramos Pollak, em sua perspectiva sobre os critérios em que a memória se apoia. Os acontecimentos, no caso a proclamação da República Juliana, personagens como por exemplo José Garibaldi, e lugar o paço Municipal. Já o tombamento do centro histórico de Laguna legitima o que Nora se refere, como lugar de memória, e a vontade de se reconhecer. Uma construção social, vinda com o sentimento de identidade, no caso de Laguna, sua identidade açoriana, do povoado que ali fundou, reconhecimento de que ali houve uma conquista, lutas, que ali deixou sua herança cultural, como por exemplo a arquitetônica que se faz presente no seu centro histórico, e em seus costumes. Lugar onde a historiografia fez sua problemática a memória, escreveu sua historia, apoderou-se e tornou lugar de memória.

Referencias bibliográficas

CABRAL, Oswaldo R.. **História de Santa Catarina.**2. ed. Florianópolis: Aludes, 1970.

CAFÉ, Daniel Calado. **PATRIMÓNIO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DO MUSEU DO TERRITÓRIO DE ALCANENA.**2007. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Departamento de Departamento de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2007. Disponível em: <http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/daniel\_cafe.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2014.

DALL’ALBA, Joao Leonir. **Laguna antes de 1880**. Porto Alegre. Editora Lunardelli, 1979

IPHAN/ PROGRAMA MONUMENTA. **Artes do Mar – Laguna SC.** Brasília, 2009. Disponível em : <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=E4350AECE650399650001C44BE118390?id=3062>>. Acesso em: 20 de nov. 2014

MARTINS, Celso. “**Farol de Santa Marta: a esquina do Atlântico”.**Florianópolis: Guarapuvu, 1997.

MATTOS, Ruben Ulyssea; SPALDING, Walter; BOITEUX, Lucas A.; GALLOTTI, Francisco B.; CABRAL, Oswaldo R.; MEDEIROS, Carlos da Costa Pereira Maecilio, MARCONDES, Giovanni Faraco de, et al. **Publicação comemorativa do centenário da comarca da Laguna.**Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Teresinha Ltda., 1955.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História,**São Paulo, v. 10, dez. 1983. Tradução de Yara Aun Koury

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Laguna três séculos de brasilidade. dados e informações sobre o município, prefeitura Municipal de laguna. Elaboração da Pro reitoria de assuntos estudantis e de Extensão- UFSC. Imprensa universitária, 1982.

POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. **Estudos Históricos,**Rio de Janeiro, v. 10, p.200-2012, 1992. Tradução de Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\_e\_identidade\_social.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2014.

SPHAN. **Processo de tombamento do Sítio Arqueológico** (conjunto: centro histórico de Laguna – Santa Catarina).

Processo nº( 1.22–T–84). SPHAN/D.R.D. Ministério da Educação e Cultura, Secretária da Cultura, Subsecretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 8 de junho de 1984

SPHAN. **Processo de tombamento do Sítio Arqueológico** ( casa: Praça da Bandeira, Paço Municipal).

Processo nº( 492–T–53). SPHAN/D.E.T Ministério da Educação e Cultura, Secretária da Cultura, Subsecretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 1953.

ULYSSÉA, Rube. **Laguna: Memória Histórica**. Brasília: Letrativa, 2004.

1. POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos,**Rio de Janeiro, v. 10, p.200-2012, 1992. [↑](#footnote-ref-1)
2. Idem, p.5 [↑](#footnote-ref-2)
3. NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História,**São Paulo, v. 10, p.07-28, dez. 1983. Tradução de Yara Aun Koury. [↑](#footnote-ref-3)
4. CAFÉ, Daniel Calado. **Património, Identidade e Memória: Proposta para a Criação do Museu do Território de Alcanena.** P. 36 [↑](#footnote-ref-4)
5. WEISZFLOG, Walter. Michaelis: Dicionário Pratico da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008. [↑](#footnote-ref-5)
6. BRASIL. Constituição (2010). Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010. **da Ordem Social: Da Educação, da Cultura e do Desporto**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988\_04.02.2010/art\_216\_.shtm>. Acesso em: 3 nov. 2014. [↑](#footnote-ref-6)
7. CAFÉ, Daniel Calado. Património, Identidade e Memória: Proposta para a Criação do Museu do Território de Alcanena. p. 24 [↑](#footnote-ref-7)
8. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&retorno=paginaIphan> acessado em 13 de outubro de 2014. [↑](#footnote-ref-8)
9. ULYSSÉA, Rube**. Laguna: Memória Histórica**. Brasília: Letrativa, 2004. P.267 [↑](#footnote-ref-9)
10. Taunay escreve sobre carta de brito Peixoto com a informação do ano da fundação de Laguna:1678. In ULYSSÉA, Rube. **Laguna: Memória Histórica. Brasília**: Letrativa, 2004. 269 p. e Nota de rodapé , 109 [↑](#footnote-ref-10)
11. CABRAL, Oswaldo R.. História de Santa Catarina**.**2. ed. Florianópolis: Laudes, 1970.

 p.43 [↑](#footnote-ref-11)
12. IPHAN/Programa Monumenta. Antes do Mar – Laguna SC. Brasília, 2009 [↑](#footnote-ref-12)
13. ULYSSÉA, Ruben. “Panorama Histórico da Laguna”. In: **Publicação comemorativa do centenário da comarca da Laguna.**Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Teresinha Ltda, 1955. p. 03-28 [↑](#footnote-ref-13)
14. SPHAN. **Processo de Tombamento do Sitio Arqueológico**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Cultura, Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 8 de junho de 1984 [↑](#footnote-ref-14)
15. MARTINS, Celso. **Farol de Santa Marta: a esquina do Atlântico.**Florianópolis: Guarapuvu, 1997. [↑](#footnote-ref-15)
16. CABRAL, Oswaldo R.. **História de Santa Catarina**. 2. ed. Florianópolis: Laudes, 1970, P.61. [↑](#footnote-ref-16)
17. Prefeitura Municipal de Laguna, 1992. [↑](#footnote-ref-17)
18. SPHAN. **Processo de Tombamento do Sitio Arqueológico**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Cultura, Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 1953 [↑](#footnote-ref-18)
19. DALL’ALBA, Joao Leonir. **Laguna antes de 1880**. Porto Alegre. Editora Lunardelli, 1979, P.50. [↑](#footnote-ref-19)
20. SPHAN. **Processo de Tombamento do Sitio Arqueológico**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Cultura, Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 8 de junho de 1984. [↑](#footnote-ref-20)
21. SPHAN. **Processo de Tombamento do Sitio Arqueológico**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Cultura, Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Porto Alegre, 8 de junho de 1984. [↑](#footnote-ref-21)
22. SPHAN. Laguna (SC). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=C8A07C68C0AB14EAB447EEA1E7BCAEF1?id=18113&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 06 nov. 2014. [↑](#footnote-ref-22)
23. Idem [↑](#footnote-ref-23)